

**AFETOS, ERROS E APRENDIZAGENS: A TRANSDUÇÃO  
COMO PROCESSO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

*Misleine Andrade Ferreira Peel (UFT)*

[misandrade22@gmail.com](mailto:misandrade22@gmail.com)

*Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)*

[luizpeel@uft.edu.br](mailto:luizpeel@uft.edu.br)

**RESUMO**

A ausência de encontros, com toda a gama de afetos resultante desses agenciamentos, ou a constância de individuações equivocadas, também com toda a gama de afetos resultante dessas pós-singularizações, são responsáveis por grande parte dos erros apresentados pelos aprendizes em anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste texto, relacionaremos afetos com erros, e aprendizagens com transduções, tendo como norte teórico principal as obras de Charles Sander Peirce, Gilbert Simondon e Gilles Deleuze. Trabalharemos com os modos de produção subjetivos implicados com a processualidade dos acontecimentos, fundamentando-nos em toda a riqueza da filosofia do acontecimento de Gilles Deleuze.

**Palavras-chave:** Alagmática. Transdução. Filosofia do Acontecimento.

**ABSTRACT**

The absence of encounters, with the full range of affects resulting from these assemblages, or the constancy of mistaken individuations, also with the full range of affects resulting from these post-singularizations, account for much of the mistakes presented by learners in early elementary school. In this text, we will relate affections with errors and learning with transductions, having as main theoretical north the works of de Charles Sander Peirce, Gilbert Simondon and Gilles Deleuze. We will work with the subjective modes of production implicated in the processuality of events, based on the richness of Gilles Deleuze's philosophy of the event.

**Keywords:** Alagmatic. Transduction. Philosophy of Event.

**1. Introdução**

Os erros escolares resultam quase sempre ou da ausência de afetos e de encontros ou da presença e da constância de individuações equivocadas, situadas fora da normatividade usual da disciplina ou da matéria trabalhada em classe; em nosso caso, os erros ou desvios da norma padrão da língua portuguesa são recorrentes e colocam os professores em uma situação complexa e cheia de aporias.

Muitas vezes, os erros são visto consorte concepções negativas;

ou, nem se quer são levados em consideração para a construção de novas relações; deveriam, pois, serem percebidos como oportunidades de des-territorialização, para uma reterritorialização profícua.

De fato, muitos estudantes carregam seus erros por toda caminhada escolar, pois nenhum novo agenciamento foi feito – nenhum novo afeto foi constituído, sabendo que geralmente os resultados finais são mais valorizados do que os processos, sendo que, nessa valorização de resultados, os procedimentos resultantes de agenciamentos não são percebidos com fenômenos fundamentais para a construção do aprendizado.

Neste artigo, queremos relacionar erros, afetos, aprendizagens e transduções, tendo como norte principal Charles Sanders Peirce, Gilbert Simondon e Gilles Deleuze, procurando apresentar a possibilidade de trabalho lúdico na sala de aula por meio da transdução alagmática.

Pretendemos, dessa forma, trabalhar com os modos de produção subjetivos implicados com a processualidade dos acontecimentos, já que a filosofia do acontecimento, fonte de nossas argumentações, apresenta tanto os fenômenos corporais do enunciado, quanto os incorporais e inexprimíveis – aqueles que são utilizados de modo transdutivo e alagmático no aprendizado familiar da linguagem verbal (transdução implica, certamente, trocas e mudanças de energia; e não, essências ou substâncias, donde a sua percepção é delicada e séria), como fenômenos importantíssimos para que a aprendizagem realmente ocorra.

## **2. Charles Sanders Peirce, Gilbert Simondon e Gilles Deleuze: afetos, incorporais e erros**

As palavras (e as frases, e os parágrafos, e os capítulos, e os livros), já que nosso escopo principal é o encontro com os textos, têm algo de incorporal, o que foi percebido pelos estoicos e trabalhado com maestria por Gilles Deleuze. Esse incorporal é o inexprimível, algo que se localiza entre a palavra e a coisa, verdadeira passagem, apropriado acontecimento de uma significação e igualmente correto espaço de ligação entre sujeitos e objetos, entre mães e filhos (um espaço sem coerção – o espaço do acontecimento – verdadeiro espaço de passagens profícuas entre os seres e entre seres e coisas).

E é nesse espaço que acontecem os afetos, os acertos, os erros (ou desvios, ou ainda variações) e os fenômenos inexprimíveis, não se tra-

tando de um espaço de e para representações analógicas ou simbólicas, mas do lugar de encontros ou de agenciamentos, de experimentações ou de jogos, e de devires ou de festas.

Martin Heidegger (1889–1976) chamou o ponto de partida desses lugares de simpatia ou afinação, ou também atmosfera; Paul Ricoeur (1913–2005), de memória ou símbolo; Gilles Deleuze (1925–1995), de agenciamentos ou encontros. Preferimos, nesse texto, o último, já que é nos encontros com afetos que nascem os signos, os quais, por sua vez, têm a função de fazer pensar, ou seja, pensar é uma atividade disparada involuntariamente pela força do signo (NASCIMENTO, 2012).

Pensar, de fato, não se constitui apenas como representação cognitiva de algo, posto que existem vários tipos de pensamento, resultantes de variadas formas de imagens; pensar é seguir signos; pensar é fazer com que signos sejam seguidos; pensar é conduzir. E é por isso que dedução, indução, abdução e transdução têm em comum a raiz latina *duc-* (“conduzir”). Pensar é, então, conduzir e ser conduzido por signos.

Os vários tipos de signos são responsáveis por vários tipos de imagens, que, por seu turno, são responsáveis por igualmente vários tipos de devires: há o devir perceptivo, resultado da imagem-percepção (zeroidade<sup>3</sup>); existe o devir afetivo, resultado da imagem-afecção (primeiridade<sup>4</sup>); ocorre, também, o devir pulsional, resultado da imagem-pulsão (entre a primeira e a secundidade); acontece, ainda, o devir acional, resultado da imagem-ação (secundidade); sucede, além disso, o devir reflexivo, resultado da imagem-reflexão (entre a segunda e a terceiridade); existindo, até, o devir relacional, resultado da imagem-relação (terceiridade). Não parando por aí, já que podem ocorrer outros devires (háptico, por exemplo) (OLIVEIRA; DUARTE; PEEL, 2019).

Percebamos que esses processos começam com dois devires: o perceptivo e o afetivo – passagens primeiras, nas quais os processos de

---

<sup>3</sup> Zeroidade é um conceito introduzido por Gilles Deleuze às matrizes de criação do pensamento e da linguagem de Charles Sanders Peirce, constituindo-se com o não lugar da criação, ou seja, o lugar dos movimentos infinitos de todas as partículas que podemos pensar, dizer ou significar.

<sup>4</sup> Primeiridade, secundidade e terceiridade são as matrizes do pensamento e da linguagem da semiótica americana de Charles Sanders Peirce, sendo que a primeiridade é o lugar de contemplação da pura qualidade; a secundidade, o lugar da ação; e a terceiridade, o lugar da convenção, da lei, do pensamento simbólico, da representação e da argumentação verbal e/ou multissemiótica.

aprendizagens têm o seu início, tanto os positivos, resultantes de individualizações esperadas pelos docentes, ou estimuladores, quanto os negativos, resultantes de individualizações, ou de alienações, equivocadas em relação ao esperado pelos docentes.

Cada um desses devires, com sua imagem equivalente, acaba sendo responsável pela criação de um determinado tipo de afeto. O devir perceptivo, fruto da imagem-percepção, é o responsável pelo afeto em relação à percepção, pela percepção da percepção, pelas imagens sem ponto de referência, posto que nasce da zeroidade, lugar do caos e fonte de toda a criação, constituindo-se como a passagem inicial para a abertura da mente (verdadeiro conjunto de senhas, que abre realmente o ‘cérebro, permitindo variações na arquitetura neural).

A imagem-percepção se constitui como a primeira imagem criadora de movimentos, ou de acontecimentos, sendo que o bebê, em seus processos de individualizações, deixando de ser pré-singular e amorfo, inicia o seu processo de participante ativo dos acontecimentos quando começa a perceber a sua percepção – a perceber que percebe. O papel da imagem-percepção na constituição da imagem-movimento, a conjunção das imagens percepção, afecção e ação, é o de se apresentar como o primeiro aspecto material da subjetividade – a subtração.

Assim, subtraindo pela percepção, a subjetividade se instaura, sendo seguida posteriormente por uma ação – pela imagem-ação. Ora, o leitor atento pode estar se perguntando: “E a afecção?”; “E a imagem-afecção?”; “Onde se localiza?”. O próprio Gilles Deleuze responde:

A afecção é aquilo que ocupa o intervalo, aquilo que o ocupa sem o encher ou o tapar. Ele surge no centro da indeterminação, isto é, no sujeito, entre uma percepção sob certos aspectos perturbante e uma ação hesitante. Ela é uma coincidência do sujeito e do objeto, ou a maneira como o sujeito se percebe a si mesmo, ou antes, faz a experiência de si ou se sente “de dentro” (terceiro aspecto material da subjetividade). Ela refere o movimento a uma “qualidade” como estado vivido (adjetivo). (DELEUZE, 2009, p. 106)

A imagem-afecção é, então, a pura potência, a coincidência do sujeito e do objeto, sendo adjetiva por excelência – adjetiva e inexprimível, posto ser afeto. E o afeto, sendo a potência do devir é fenômeno imprescindível para a aprendizagem.

No entanto, antes de navegarmos por outras imagens, é preciso mostrar o papel da imagem-afecção em sua relação com a imagem-percepção, o que Maria Ogécia Drigo (2016) faz por meio da aproxima-

ção de Gilles Deleuze com Charles Sanders Peirce:

Deleuze distingue a coisa e a coisa percebida. A coisa, que “é a imagem tal como ela é em si”, corresponderia ao percepto, no processo perceptivo visto à luz das ideias peircianas; a coisa percebida, ou imagem-percepção, corresponderia ao par percipiūm/juízo perceptivo. Na perspectiva peirciana, o produto da percepção, na sequência da imagem-percepção, a imagem-ação, teria como ponto de partida o juízo perceptivo. Ao propor o terceiro componente da imagem-movimento, a imagem-afeção, Deleuze, em certa medida, mostra que aspectos qualitativos também compõem a imagem-movimento. A imagem-afeção resgata aspectos não percebidos, quando da subtração, ou na constituição da imagem-percepção. (PEIRCE, 2016, p. 5)

A imagem-afeção tem lugar na primeiridade; daí, a sua importância, resgatando “aspectos não percebidos” – aqueles aspectos que não foram subtraídos. Ora, a subtração se tornará, então, negativa, se não for acompanhada do afeto; podendo se tornar, caso não haja também afeto, uma postura apenas representativa, deixando de lado, certamente, outros aspectos da coisa percebida, em função de escolhas subjetivas separadas da fenomenologia perceptiva.

A passagem da percepção para a ação, como envolve a imagem-afeção e o seu fenômeno incorporal, dá-se de modo insensível; sendo que a imagem-movimento, a conjunção da percepção, da afeção e da ação, ocorre sempre na secundidade (DRIGO, 2016, p. 6).

Pensando, agora, na relação entre consciência e percepção, há, para Charles Sanders Peirce (cap. 1.377 e cap. 1.378), três níveis de consciência: consciência de qualidade (primeiridade – consciência passiva, sem reconhecimento ou análise), consciência dual (secundidade – consciência de uma interrupção no campo da consciência) e consciência sintética (terceiridade – a consciência no tempo, com sentido de similaridade, de conexão real e de aprendizagem).

De acordo com as palavras do filósofo americano, os três níveis são assim descritos em relação às concepções de qualidade, de relação e de mediação:

A concepção de qualidade, a qual é absolutamente simples nela mesma e, contudo, observada nestas relações ela parece ser completa de variedade, surgiria em qualquer momento quando sentimento ou consciência singular se torna proeminente. A concepção de relação vem da consciência dual ou sentido de ação e reação. A concepção de mediação emerge da consciência plural ou sentido de aprendizagem. (PEIRCE, cap. 1, p. 378)

Assim, da vivência de qualidades, por meio do surgimento da

consciência singular, início do processo de individuação do bebê, há o posterior surgimento da consciência dual, com os sentidos de ação e reação; finalmente, quando os signos se tornam mediações, emerge a consciência plural e a aprendizagem cognitiva profícua.

Em outras palavras, da imagem-percepção, passando pela imagem-afecção e pela imagem-ação, a aprendizagem ocorre quando a consciência plural alcança a individuação da imagem-relação; havendo, ainda, a imagem-pulsão e a imagem-reflexão como pontes entre os níveis segundo e terceiro<sup>5</sup>.

Percepções, então, são acompanhadas de afetos e de pulsões, para estimularem ações, que, por sua vez, acompanhadas de reflexos, resultarão em aprendizagens relacionais; dessa forma, as imagens se sucedem com os agenciamentos, os quais, por sua vez, são importantíssimos para que haja festas de aprendizagens mais complexas. Ora, aprender a ouvir e a falar, a ler e a escrever, são deveras atividades complexas, que necessitam de toda uma condução inventiva e fecunda para que ajudem a criar indivíduos sérios e criativos.

Agora, considerando o outro tópico do subtítulo deste segmento do texto – o erro; ele pode aparecer no processo ou como individuação equivocada ou como resultante de falta de atenção ou, ainda, como variação da norma (no caso do ensino e da aprendizagem da língua portuguesa). E, caso se torne uma individuação concreta, pode generalizar-se em equívocos constantes. Convém, para que não caiamos em aporias redundantemente insolúveis, refletir sobre normatividades e saberes menores, visto que é importante, se quisermos caminhar para a transdução alagmática, compreender as variações como possibilidades normativas igualmente sérias e profícuas.

Gilles Deleuze fala do saber menor como o saber das minorias, não minorias quantitativas, mas qualitativas em relação ao poder. As culturas menores, com suas variações sincrônicas, precisam ser contempladas nas salas de aulas como verdades, enquanto somatórias de relações

---

<sup>5</sup> Os acréscimos de Gilles Deleuze à teoria de Charles Sanders Peirce são precisos, já que estabelecem uma sequência profícua para a compreensão tanto da percepção quanto da aprendizagem das imagens. Dessa forma, imagem-percepção, imagem-afecção, imagem-pulsão, imagem-ação, imagem-reflexão e imagem-relação se constituem como processos de aquisição e de desenvolvimento não só da percepção, mas também do pensar.

humanas. Não é verdadeira somente a norma padrão da língua portuguesa, ou apenas uma forma de aplicação dos cálculos matemáticos; também serão verdadeiras, ao menos em sua persistência na mente dos alunos, as variações linguísticas e os cálculos não euclidianos e aóristicos, resultados de erros cristalizados, que pertencem à inclusão do terceiro, como nos processos quânticos.

Apesar de muitos avanços em relação às concepções de aprendizagem e de ensino, na prática escolar brasileira, ainda se faz presente, o uso de uma metodologia tradicional de ensino baseada na transmissão de conhecimentos historicamente estabelecidos, não oportunizando aos estudantes a passagem pela experimentação, pela exploração, pela verbalização das ideias, pelo questionamento, pela argumentação, pela abdução, pela transdução e pela validação; sendo assim, as transduções alagmáticas não acontecem, ainda, de forma efetiva.

Ora, a transdução, enquanto processo de troca e de mistura, não cabe apenas nas normatividades culturais, sejam linguísticas, matemáticas ou de outra natureza qualquer; as variações devem ser respeitadas, posto se tratar de transformações de energia, de acontecimentos e de incorporais.

Ora ainda, a transdução, se alagmática, enquanto processo que opera e contempla as diferenças, prescinde das variações, aceitando o terceiro – o diferente; ou conforme Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, Layssa de Jesus Alves Duarte e Misleine Andrade Ferreira Peel (2019):

O processo de aquisição de conhecimento deve ocorrer de modo transdutivo associado à alagmática. Para que as operações alagmáticas aconteçam, é preciso que o ser pré-individuado percorra o caminho de percepção/solução de problemas de modo abduutivo, indutivo, dedutivo e transdutivo. Esses processos resultaram em constantes individuações; constituintes, por sua vez, de outro ponto muito importante para Simondon, talvez o que justifique a alagmática. [...] A noção de alagmática vai além da materialidade formada, ou seja, do conceito de essência.

Para Simondon, o problema em todas essas teorias é que elas consideram a noção de forma como antecedente à própria operação que a torna real. A alagmática é o conceito que busca reparar essa lacuna, ao descartar a ideia de molde e de modelagem. (OLIVEIRA; DUARTE; PEEL, 2019, p. 99 e 100)

A alagmática, para Gilbert Simondon, é o nome dado ao processo que opera a individuação, sendo mesmo o acontecimento que dá forma a uma nova fase do ser, já que a individuação é a teoria da constituição e

da formação do indivíduo.

Dessa forma, na operação com os signos, por meio da aquisição das imagens descritas até aqui, responsáveis pelos processos de individuação alagmática, os seres constroem os seus acontecimentos; ou seja, pela percepção de problemas, passamos por processos de individuação quando conseguimos resolvê-los ou, ao menos, compreendê-los no jogo das experimentações resultantes de agenciamentos afetivos.

A alagmática pode ser ainda descrita como a amplificação transdisciplinar das individuações. Ainda segundo Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, Layssa de Jesus Alves Duarte e Misleine Andrade Ferreira Peel: “Os processos alagmáticos atualizam constantemente o ser, levando-o de uma etapa pré-singular a outra individuada [...]. É por meio da resolução de problemas que esses processos se concretizam.” (OLIVEIRA; DUARTE; PEEL, 2019, p. 102).

Para Gilbert Simondon (2005), o indivíduo é um ser autoproblemático, “não encontra dificuldades, ele é dificuldade em si mesmo; ele se reencontra sobre seu próprio caminho”. Esse caráter autoproblemático surge daquilo que Gilbert Simondon chama de “dualismo ambivalente”, “sob qualquer ponto de vista, o indivíduo é feito da relação de dois aspectos: ontogenética e filogenética; interioridade e exterioridade; substancialidade e eventualidade; interioridade profunda e racionalidade hiperconsciente” (SIMONDON, 2005, p. 455).

Em outras palavras, a alagmática é a teoria geral das trocas e das mudanças de estado. Daí, a criança, ao aprender afetivamente as primeiras palavras e frases, na realidade, faz coincidir numa mesma expressão – a frase monorremática – as incorporalidades dos sentidos; usando-as, tanto palavras quanto frases, como conjunção alagmática de percepções, afetos, pulsões, ações, reflexões e relações, num sentido transdutivo que busca sempre a resolução de problemas.

Ainda segundo os três autores citados acima, a criança adquire conhecimento linguístico por meio de trocas realizadas entre ela e seu meio físico e social:

Para isso, vários processos de individuação ocorrem; em um desses processos, ela deixa aos poucos o estado em que balbucia e passa a se comunicar. Quando vai à escola, a criança passa novamente por mudanças de fase que ocorrem por meio de trocas com seu meio social/físico. Essas trocas lhe proporcionam novas individuações e a mudança de estado implica conhecimento de estruturas; no caso específico da aprendizagem da



língua, a atualização do ser ocorre por meio das novas estruturas linguísticas que são adquiridas. (OLIVEIRA; DUARTE; PEEL, 2019, p. 102)

Quando algo é verdadeiramente aprendido, o conhecimento adquirido se mescla com o ser, transformando-o, conforme nos deixou o filósofo francês Michel Serres: “quando aprendo matemática, eu mudo também a pessoa; quando aprendo história, meu corpo, minha personalidade muda” (SERRES, 2015, p. 244). E, assim, de mudança em mudança, de troca em troca de energias, os problemas irão sendo resolvidos.

### **3. Erros, normatividades e aprendizagens**

Retornemos à normatividade, aos saberes menores e aos erros como pontes entre afetos e aprendizagens; para tanto, afirmamos que a linguagem verbal e a matemática se constituem como objetos técnicos elementares a quaisquer criações científicas e/ou técnicas. Um pequeno texto de Bruno Vasconcelos de Almeida:

Em *O Indivíduo e sua Gênese Físico-Biológica* (1966), a questão prévia da individuação é a existência de um sistema metaestável definido por uma disparação entre duas ordens de grandeza, duas escalas de realidades díspares, onde não há comunicação interativa; ao contrário, existe dissimetria, energia potencial e diferença de potencial. Neste texto, Deleuze afirma que o metaestável é definido como ser pré-individual, provido de singularidades. Singular sem ser individual, eis o estado do ser pré-individual (DELEUZE, 2006, p. 118). A disparidade (a categoria do problemático) é, portanto, o primeiro momento do ser, singular e prévio à individualidade. Trata-se da distinção entre singularidade e individualidade, que terá, por sua vez, inúmeros desdobramentos no pensamento de Deleuze. (ALMEIDA, [s.d.], p. 33)

Mesmo com a normatividade que as torna viáveis, as linguagens verbais e matemáticas precisam da disparidade inicial do infante, da sua categoria do problemático, do primeiro momento do ser e do estar aqui e aí. E, a partir dessas disparidades, dessas reais e virtuais disparações entre duas ordens de grandeza, entre duas escalas de realidades díspares, é que surgirão as individuações.

E, se a categoria do problemático é vivenciada e definida como momento ‘pré-individual’ do ser, a individuação é a organização de uma solução, ou seja, constitui-se como resolução para um sistema problemático – verdadeira ressonância interna, modo de comunicação entre realidades diferentes.

Assim refletindo, concluímos que as variações da norma padrão,

seja na língua portuguesa, seja em outra forma de conhecimento ou técnica normativa, devem ser compreendidas como pertencentes à categoria do problemático, já que necessitam da individuação para a organização de soluções.

Gilles Deleuze deixou claro que a ressonância tem enorme importância nos processos relacionados à afetividade, abrindo-se a um coletivo ‘transindividual’:

Gilbert Simondon não quer ater-se a uma determinação biológica da individuação propriamente, mas precisar níveis cada vez mais complexos: assim, há uma individuação propriamente psíquica, que surge, precisamente, quando as funções vitais já não bastam para resolver os problemas postos ao vivente, e quando uma nova carga de realidade pré-individual é mobilizada numa nova problemática, em um novo processo de solução. E o psiquismo, por sua vez, abre-se a um coletivo transindividual. (DELEUZE, 2006, p. 120)

Essa abertura ‘transindividual’ do psiquismo ocorre por meio de agenciamentos e de encontros afetuosos, cheios de ressonâncias, resoluções e comunicações entre realidades diferentes e que se querem trans.

Ora, objetos técnicos e cultura estiveram sempre ligados: língua é sistema vivo de construção cultural, formado por jogos de linguagem; gramática, sistema técnico de ensino e de aprendizagem, formado por outros jogos de linguagem, os quais, desta vez, são constituídos como objetos técnicos. Objetos técnicos e cultura se misturam alagmáticamente, redefinindo-se em vários momentos.

#### **4. Considerações finais**

Gilles Deleuze afirmou que não podemos saber com certeza como as crianças aprendem, porque a aprendizagem está relacionada com a singularidade de cada um, ao modo como determinado signo consegue afetar e fazer pensar: “Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos” (DELEUZE, 2000, p. 21).

A aposta de Gilles Deleuze está centrada nos encontros, na criatividade, nos afetos e nos saberes menores. É preciso, pois, aceitarmos o erro, a cultura menor, a arte, o afeto, as diferenças. É conveniente aceitarmos as alteridades, tanto menores quanto maiores, para que possamos

respeitar as diferenças.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bruno Vasconcelos de. A individuação e a máquina: leitura deleuzeana de Simondon. *Revista Dispositiva*, vol. 5, n. 2, p. 32-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2016v5n2p32-44>>. Acesso em: 08-11-2019.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DRIGO, Maria Ogécia. Imagem cinematográfica e pensamento: a imagem-percepção na confluência de teorias de Deleuze e Peirce. *E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Brasília, vol. 19, n. 2, maio/ago. 2016, 18 págs. não numeradas. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1264/896>>. Acesso em: 08-11-2019.

NASCIMENTO, Roberto Duarte. *Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze*. 2012. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280549/1/Nascimento\\_RobertoDuarteSantana\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280549/1/Nascimento_RobertoDuarteSantana_D.pdf)>. Acesso em: 08-11-2019.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de; DUARTE, Layssa de Jesus Alves; PEEL, Misleine Andrade Ferreira. *A experimentação das palavras: da imagem-percepção à imagem-relação*. João Pessoa: Ideia, 2019.

PEIRCE, Charles Sanders. *Antologia filosófica*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1998.

SERRES, Michel. Educação e contemporaneidade sem Michel Serres. *Pro-Posições*, Campinas, vol. 26, n. 1, p. 239-57, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v26n1/0103-7307-pp-26-01-0239.pdf>>. Acesso em: 08-11-2019.

SIMONDON, Gilbert. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Grenoble: Millon, 2005.